

A LINGUAGEM COMO FORMA DE SILENCIAMENTO

Kattson Bastos Santos¹

George Orwell é bastante conhecido por ser um crítico aos regimes totalitários. Dentre suas obras, *A Revolução dos Bichos* se destaca como uma forte crítica, através de uma metáfora, à Revolução Russa de 1917 e ao regime autoritário comunista posterior a ela. Embora fosse adepto às ideias socialistas, Orwell, segundo Woodcock (1946), tinha a concepção de que o humanismo deveria ser o alicerce da doutrina deixada por Marx. Embora a Rússia seja o primeiro país a adotar o regime socialista, o autor tenta mostrar que o resultado da Revolução é bem diferente do que pretendiam os pressupostos ideológicos que a fundamentaram: uma sociedade em que “[...] o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos”, sem classes sociais e antagônicas da sociedade burguesa (MARX e ENGELS, 1999, p. 74). Portanto, é necessário traçar o contexto da Rússia no período da revolução e compará-la à fazenda e à revolução dos animais e, por conseguinte, compreender como a linguagem verbal e não verbal se insere no contexto como um instrumento para silenciar as pessoas.

Há diversas semelhanças entre a Rússia czarista do século XIX e início do século XX e a fazenda Solar da obra. O Sr. Jones, dono da fazenda, se encontra sem dinheiro e em decadência, tendo ânimo apenas para se embriagar e se afundar ainda mais em dívidas. O grande país supracitado se encontrava em situação parecida, como Reis Filho (2003, p. 21) descreve: “uma sociedade atrasada, sem dúvida, considerada no contexto da Europa. Melhor seria dizer: que se atrasou”. Porém, a Revolução Russa não aconteceu de uma só vez, pois o processo se deu em quatro revoluções: uma em 1905, outras duas em 1917 e a última em 1921 (ibid., p. 22). A partir de uma onda de manifestações no país em 1905, quando “uma grande manifestação reuniu-se, pacífica, para levar ao czar, por meio de um manifesto, queixas e reivindicações” (ibid., p. 41-42), o processo foi iniciado e alimentado na população. O governo Russo já não tinha condições nem de manter nem seu próprio exército, pois faltavam equipamentos bélicos e preparo do contingente (ibid., p. 56).

¹ E-mail: kattsonbastos@gmail.com

Logo, tanto na Rússia quando na fazenda, a classe explorada estava insatisfeita com seus governantes.

Com a morte de Karl Marx, em 14 de março de 1883, Engels, seu amigo e parceiro intelectual, “[...] se transformaria também em herdeiro do legado de Marx, o organizador e o divulgador de sua obra inacabada” (DEL ROIO, 2010, p. 8). Assim, o idealismo marxista se espalhou entre os operários de vários países como uma utopia que serviria de salvação para a classe trabalhadora. Vemos na obra, claramente, a representação de Marx, Lênin e o idealismo socialista na figura de um porco de idade avançada chamado Major. Logo no primeiro capítulo, os animais estão se organizando para ouvir o discurso do velho porco. Em seguida, o suíno profere palavras revolucionárias e esperançosas e incita, baseando-se em um sonho que teve, o espírito revolucionário e de união entre os animais contra um inimigo em comum: os humanos. É aparente, portanto, as semelhanças entre os animais e a classe trabalhadora e entre os humanos e os capitalistas. Aqueles, têm seu trabalho explorado e pouco retorno recebido pela classe dominante; quanto a estes, nenhum trabalho agrega à produção, porém, se apropria de boa parte dela. Além disso, a obra enfatiza as características dos animais às quais se assemelham com determinadas personalidades da sociedade humana: há aqueles com menos instrução e, portanto, aceitam e reproduzem o que é dito; há aqueles moderados que apenas observam e em nada opinam; e, dentre outros, há uns mais capazes intelectualmente, como os porcos da fazenda, que conseguem, até mesmo, ler a escrita humana.

A revolução chega, de fato, como professou o Major. Com a morte do grande porco e após passarem horas sem serem alimentados, os animais, já cansados de viver na miséria, se impõem e enfrentam seus dominantes. Como resultado, ocorre a revolução. Por mais que a revolução dos animais não ocorra fielmente como a Rússia em 1917, o sentido é o mesmo: uma revolução do operariado – os animais – para constituir o proletariado como classe dominante (MARX e ENGELS, 1999, p. 72). Em seguida, com a vitória dos animais, eles tomam conta dos pastos, da casa, do celeiro e de tudo mais da fazenda. A medida inicial a ser tomada é a de destruir tudo quanto lhes recordava o dono da fazenda, Jones, e introduzir maneiras de manter a produção ativa, como a colheita de feno e a ordenha de vacas.

Aos poucos, os porcos vão se mostrando como os mais espertos e como o núcleo intelectual da fazenda ao adquirirem habilidades que vão da leitura ao manuseio de

ferramentas humanas. Assim, são capazes de resumir o que foi dito pelo Major em alguns mandamentos que são escritos numa parede, o que vem a ser chamado de Animalismo. Com isso, tais regras passarão a ser o contrato social dos animais. Embora houvesse dificuldades, os animais se adaptam às necessidades da fazenda. Os trabalhos são planejados em uma reunião coordenada pelos porcos, pois, como já dito, são os mais inteligentes, e decididas em grupo. Com isso, dois porcos se destacam: Bola de Neve e Napoleão. Este, podemos associar a Stálin; aquele, a Trotsky. Porém, o que vinha sendo perfeito passou agora a ser marcado pelo conflito entre os dois animais: o que um pensa, o outro pensa o contrário. Napoleão, desde cedo, passa a ignorar as ideias de carência e humildade adotadas por Bola de Neve e demonstra ser mais autoritário e estratégico. Além destes dois, outro porco é importante: Garganta, muito persuasivo e bom manejador das palavras, sendo, até mesmo, “capaz de convencer que o preto era branco” (Orwell, 2007, p.19).

Após um tempo, Bola de Neve faz planos para implantar um moinho de vento para ajudar na vivência da fazenda. Ao terminar o planejamento, ele apresenta aos animais em assembleia para ser votado. Porém, Napoleão se posiciona contrário. No exato momento em que todos se convencem da viabilidade do moinho, Napoleão ordena que cães, educados por ele, ataquem Bola de Neve e o expulse da fazenda. Os animais, a princípio, se assustam e protestam, porém, são encarados por Napoleão e seus cães. Inicia-se, aí, o autoritarismo de Napoleão e a supremacia dos porcos, forçando controle ideológico, distorcendo fatos, explorando intensamente os animais, implantando censura e divinizando o líder porco.

Para justificar suas ações e o controle militar, o novo líder demoniza o porco expulso, tornando-o o inimigo mortal dos animais. Algo semelhante acontece na distopia 1984, também escrita por Orwell. Em um trecho do livro, diz:

Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgia na tela. Ouviram-se assobios em vários pontos da plateia. A mulher ruiva e franzina soltou um guincho em que medo e repugnância se fundiam. Goldstein era o renegado e apóstata que um dia, muito tempo antes (quanto tempo, exatamente, era coisa que ninguém se lembrava), fora uma das figuras destacadas do Partido (ORWELL, 2005, p. 16).

Por ser contrário às ideias do Grande Irmão, Goldstein abandona o Partido e seu paradeiro passa a ser desconhecido. Dai em diante o ódio contra ele, considerado traidor, é incitado pelos líderes e tal exemplo passa a ser motivo de repressão.

Por vezes, os animais se incomodam e questionam os atos dos líderes. Os principais artifícios usados pelos porcos são a persuasão de Garganta e as alterações dos Princípios do Animalismo, sejam elas parciais ou descumprimentos totais dos mandamentos. Ou seja, a linguagem falada e escrita se mostra como uma imprescindível ferramenta usada pelos porcos para calar os animais. Aliado a isso, as ovelhas sempre interferem nos momentos de queixas dos animais, elas “invariavelmente calavam os insatisfeitos com um ensurdecedor balido de ‘Quatro pernas bom, duas pernas ruim’” (ORWELL, 2007 p. 117) que, por sinal, era a única coisa capaz de pensarem. O mesmo ocorreu na União Soviética: a arte, como a literatura e a música, usada como forma de combate às ideias consideradas contrárias às regras em vigor (PAULO NETTO, 1981, p.64). Na fazenda, até mesmo as histórias da revolução e das lutas são alteradas com a finalidade de trazer glória e admiração ao líder Napoleão, colocando-o como o grande comandante corajoso. Progressivamente, o porco recebe títulos, como *Pai de Todos os Bichos* e *Terror da Humanidade* (ORWELL, 2007, p. 95). Sobre ambos os líderes aqui discutidos, Napoleão e Stalin, foram escritos poemas durante seus regimes, com muita semelhança entre eles. Em alguns trechos do poema feito por Mínimo, porco notório na escrita, temos:

Tu és aquele que tudo dá,
Tudo quanto as pobres criaturas amam.
Barriga cheia duas vezes por dia,
Palha limpa onde rolar;
Todos os bichos, grandes, pequenos,
Dormem tranquilos enquanto
Tu zelas por nós na solidão,
Camarada Napoleão!

[...] E o primeiro Guincho que daria meu leitão seria: “Camarada Napoleão!”
(ORWELL, 2007, p. 96).

No livro *Pró e Contra Stalin, O Julgamento da História*, Marisa Paltrinieri, organizadora da obra baseada no título original *Stalin* de Arnaldo Mondadori, apresenta alguns poemas de louvores a Stalin publicados no jornal Pravda em 1935 e 1936. Dentre eles, dois trechos são pertinentes:

Ó grande Stalin, ó chefe dos povos,

Tu que fazes nascer o homem,
Tu que fecundas a terra
Tu que rejuvenesces os séculos,
Tu que fazes florir a primavera
Tu que fazes vibrar a citara
Tu, reflexo único de milhares de corações.
(1975, p. 99).

[...] E quando a mulher que eu amo me der um filho, a primeira palavra que pronunciarei naquele momento será: Stalin!
(1975, p. 100).

Sem dúvidas, os poemas são semelhantes. À medida que o líder é divinizado, suas palavras e ações possuem presunção de legitimidade: O camarada Napoleão tem sempre razão. A Stalin, todos o viam da mesma forma. Quem ousasse ser contrário, recebia tratamentos iguais aos traidores na Fazenda dos Bichos: a morte.

[...] Em Stalin, os militantes comunistas de todo o mundo foram levados a ver “o guia genial dos povos”, “o grande líder do proletariado”, “o quarto clássico do marxismo” (com seu nome nivelado aos de Marx, Engels e Lênin). Aqueles que o criticavam *acabaram marginalizados ou silenciados* de uma maneira ou outra. [...] (PAULO NETTO, 1981, p. 16-17, grifo nosso).

Fica claro aí, e em muitas outras partes do texto, que a essência socialista – animalista – foi perdida. De tal forma, podemos entender a crítica de Orwell ao totalitarismo e ao falso socialismo aplicado na Rússia: o poder que se instaura graças ao movimento dos trabalhadores, mas que, ao se consolidar, se volta contra estes. Evidentemente, a linguagem é fundamental do início ao fim do regime dos porcos, seja na alteração das leis, nos discursos dos líderes, na falácia das ovelhas ou no poema de Mínimo, servindo como ferramenta para cerceamento da liberdade, tanto física quanto intelectual. Tão grande é o poder da linguagem que, por exemplo, toda a produção cultural no Brasil no final dos anos 60 e início dos anos 70, durante o período do Estado de Segurança Nacional, foi censurada (CALDAS, 1985, p. 65, apud MAIA e STANKIEWICZ, 2015, p. 8-9). Porém, tal censura foi um incentivo para que as músicas, por exemplo, se transformassem “no principal recurso de diálogo do povo frente à repressão imposta” (ibid., p. 8).

No fim da história, os animais não mais distinguem os porcos dos humanos. Estes, brindando, conversando e sorrindo. Aqueles, como sempre, calados.

Referências

- DEL ROIO, Marcos. Engels e a origem do marxismo. *Antítese*. Goiânia, v. --, p. 69-93, 2010.
- MAIA, Adriana Valério; STANKIEWICS, Mariese Ribas. *A Música Popular Brasileira e a Ditadura Militar: Vozes de Coragem como Manifestações de Enfrentamento aos Instrumentos de Repressão*. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 1999.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2005.
- _____. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. Tradução Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens. – São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.
- PAULO NETTO, José. *O que é Stalinismo*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.
- POLTRINIERI, Marisa. *Pró e Contra Stalin, O Julgamento da História*. São Paulo, SP: Melhoramentos. 1975.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.
- WOODCOCK, George. “George Orwell, 19th Century Liberal” in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London, UK: *Routledge & Kegan Paul*, p. 384-388, 1975.